

Militantes, organizações e a imprensa antifascista libertária no Brasil: articulações locais e conexões transnacionais (1930-1945)

Militants, organizations, and the libertarian antifascist press in Brazil: local articulations and transnational connections (1930-1945)

Kauan Willian dos Santos*

Resumo: Este artigo tem como objetivo examinar a atuação da imprensa, dos grupos e dos militantes anarquistas no Brasil entre 1930 e 1945. O estudo busca investigar as principais redes de atuação desses atores, suas estratégias de propaganda, articulações políticas e sindicais, além da criação de espaços de resistência, considerando tanto suas ações no âmbito nacional quanto suas conexões transnacionais. A pesquisa se baseia em fontes como periódicos libertários e antifascistas, além de fichas policiais provenientes do Deops-SP, focando, principalmente, na maneira como esses grupos se organizaram diante do avanço dos fascismos, do corporativismo e das transformações do Estado-nação, além de suas visões e articulações em relação aos conflitos globais do período.

Palavras-chave: antifascismo; anarquismo; transnacionalismo; imprensa operária.

Abstract: This article aims to examine the actions of the press, anarchist groups, and militants in Brazil between 1930 and 1945. The study seeks to investigate the main networks of activity of these actors, their propaganda strategies, political and union articulations, as well as the creation of spaces of resistance. The analysis considers both the national context and the transnational connections established by anarchists. The research is based on sources such as libertarian and antifascist periodicals, as well as police records from DEOPS-SP. It primarily focuses on how these groups organized themselves in response to the rise of fascism, corporatism, and

* Pós-doutorando em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), bolsa pelo CNPq. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: kauanwillian09@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3677-9397>.

transformations of the nation-state, in addition to their views and articulations regarding the global conflicts of the period.

Keywords: Antifascism; Anarchism; Transnationalism; Labor Press.

Introdução

O PERÍODO DE TURBULÊNCIA do século XX, marcado pelas duas guerras mundiais, foi responsável por transformações profundas no Estado-nação. Essas mudanças afetaram de maneira significativa diversos setores da sociedade, incluindo os setores políticos, gerando alterações nas estratégias, táticas e até nas visões de mundo e teorias das diversas correntes que compunham o movimento operário, incluindo socialistas, comunistas, republicanos, sindicalistas e anarquistas.¹

Após a Primeira Guerra Mundial, o surgimento dos fascismos e dos corporativismos impôs grandes desafios a diversos grupos políticos e sociais. Muitos perderam suas bases de apoio em razão da repressão intensa e das profundas transformações políticas e econômicas, o que levou alguns militantes a uma mudança ideológica radical — aderindo a novas perspectivas revolucionárias, como o socialismo e o comunismo, ou, em outros casos, aproximando-se de correntes reacionárias. Nesse cenário, surgiram diversas frentes antifascistas, formadas por grupos que buscaram articular uma resistência comum. Em outras ocasiões, no entanto, essas forças se distanciaram significativamente entre si, debatendo intensamente suas interpretações sobre as origens do fascismo, as estratégias e táticas políticas e sindicais para combatê-lo, bem como suas propostas de transformação da realidade, que oscilavam entre reformas graduais e revoluções.²

Em cada país, os antifascismos (assim como os fascismos) se configuraram com características e formas de expressão próprias, influenciadas pelas dinâmicas políticas, sociais e culturais locais. No entanto, esses movimentos também se conectaram e se entrelaçaram por meio de redes internacionais, articulando os setores internos das populações com outros movimentos ao redor do globo.³

Michael Seidman argumenta que antifascistas de diferentes países se vincularam e coordenaram seus esforços, extraindo força de sua oposição compartilhada aos regimes fascistas. Ao mesmo tempo, esses movimentos se adaptaram aos contextos políticos locais, tornando o antifascismo um fenômeno global complexo e multifacetado, durante esse período. Seidman enfatiza a distinção entre os diversos tipos de antifascismo, incluindo as vertentes revolucionárias, exemplificadas pelo período revolucionário espanhol entre 1936 e 1939, que

1 Ver: SILVER, Beverly. **Forces of Labour: Workers' Movements and Globalization Since 1870**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

2 BERTONHA, João Fábio. **O antifascismo italiano no Brasil: a comunidade italiana e a oposição ao regime de Mussolini, 1919-1945**. São Paulo: Lutas Anticapital, 2023. p. 83-119.

3 Ver: PINTO, Antônio Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa: corporativismo e ditaduras na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

englobava diferentes frações, como socialistas, comunistas e anarquistas. Em contraste, ele aponta para um antifascismo liberal que predominou em países ocidentais como França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, frequentemente mobilizado por setores da burguesia, mas também atrelado aos nacionalismos de massa e às disputas democráticas e constitucionais.⁴

Considerando uma das facetas desse amplo antifascismo, este artigo tem como objetivo discorrer sobre a imprensa, os grupos e militantes anarquistas que atuaram no Brasil entre 1930 e 1945. Busca analisar suas principais redes de atuação, estratégias de propaganda, articulações políticas e sindicais, bem como a construção de espaços de resistência, considerando tanto suas ações no âmbito nacional quanto suas conexões transnacionais. Tendo como fonte de pesquisa os próprios periódicos libertários e antifascistas, além de fichas policiais (Deops-SP), o estudo aborda, sobretudo, a forma como esses grupos se organizaram diante do avanço dos fascismos, do corporativismo e das transformações do Estado-nação, além de suas visões e articulações em relação aos conflitos mundiais do período.

Segundo Edilene Toledo e Luigi Biondi, nas primeiras décadas do século XX, “o anarquismo representou um capítulo fundamental na história do pensamento e da ação política no Brasil”. Juntamente com o sindicalismo, o socialismo e o comunismo, o anarquismo desempenhou um papel significativo na formação do movimento operário, moldando-o “de várias maneiras, além de influenciar uma série de organizações sociais dos trabalhadores”.⁵

Dessa maneira, mesmo intensamente danificados após a década de 1920⁶, os anarquistas – integrados em redes étnicas e nacionais, além de políticas transnacionais guiadas por um internacionalismo prático – já acompanhavam de perto o surgimento e o desenvolvimento do fascismo em seus estágios iniciais, buscando formas de resistir e combatê-lo. O periódico *Alba Rossa* e *A Plebe*, entre 1921 e 1922, alertavam seus leitores sobre os perigos do fascismo, afirmando que “o lugar dos fascistas é entre os mercenários que recebem de todos os tiranos inimigos do povo”.⁷ Em 1927, os anarquistas Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai iniciaram sua colaboração com o periódico *La Difesa*, proposto pelo socialista Antonio Piccarolo, tendo sua segunda fase dirigida por Francisco Frola.⁸

Analisando essa trajetória, o autor João Fábio Bertonha coloca o peso minoritário que os militantes anarquistas tiveram na construção do antifascismo no Brasil. Para o autor, de maneira diferente do que ocorreu na França, na Argentina e na Austrália, os anarquistas “não formaram

4 SEIDMAN, Michael. **Transatlantic Antifascisms**: From the Spanish Civil War to the End of World War II. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 251-254.

5 TOLEDO, Edilene; BIONDI, Luigi, Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: The Transnational Making of the Syndicalist Movement in São Paulo, Brazil 1895–1935”. In: HIRSCH, Steven; VAN DER WAT, Lucien (org.). **Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940**: The praxis of national liberation, internationalism and social revolution. Leiden: Brill, 2010. p. 363. Tradução nossa.

6 Para examinar os motivos do declínio do anarquismo, durante esse período, é essencial considerar fatores como repressão, transformações no Estado e no sindicalismo, a ascensão do bolchevismo, além das estratégias políticas dos libertários. Ver: SAMIS, Alexandre. **Clevelândia**: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Entremares; Intermezzo Editorial, 2019. BONOMO, Alex Buzeli. **O anarquismo em São Paulo**: as razões do declínio. São Paulo: Francisco Ascaso, 2016.

7 *Alba Rossa*, São Paulo, p. 2, 11 nov. 1922.

8 BERTONHA, João Fábio. Anarquistas italianos nas Américas: a luta contra o fascismo entre o velho e o Novo Mundo (1922-1945). **História Social**, v. 22-23, p. 269-293, 2012. p. 234.

jamais grupos ou movimentos autônomos capazes de dar a eles mais expressão política”, ainda assim, “deixaram algumas marcas na história desse antifascismo e isso deve ser ressaltado”.⁹ Ângela Meirelles de Oliveira também analisou a construção de organizações e a trajetória de intelectuais antifascistas de forma transnacional, levando em consideração o Cone Sul (Argentina, Brasil e Uruguai), revelando as características heterogêneas desse movimento, assim como a multiplicidade de vozes presentes em suas associações. Esses movimentos não se limitaram à influência dos partidos comunistas ou da Internacional Comunista, mas também tiveram um impacto importante na esfera intelectual e artística, conectando a luta política ao campo cultural. No entanto, a autora pouco aborda as ações libertárias, anarquistas e as discussões sindicalistas revolucionárias.¹⁰

Rodrigo Rosa da Silva e Raquel de Azevedo questionam a ideia de que os anarquistas estiveram inativos no Brasil durante o período entre guerras. Silva analisa as redes de resistência em São Paulo, ressaltando a Federação Operária de São Paulo (FOSP), a imprensa anarquista e os espaços culturais e sociais que promoviam formação e atividades militantes.¹¹ Azevedo, por sua vez, examina as estratégias de grupos anarquistas, em diversas regiões do Brasil, entre 1927 e 1937, enfatizando sua persistência em práticas de ação direta, mesmo sob intensa repressão e mudanças no Estado.¹²

Para o historiador Davide Turcato, o anarquismo foi muito mais “uma Hidra de muitas cabeças, e não uma Fênix que morria e renascia como nova”.¹³ Ativistas e militantes socialistas e anarquistas criaram redes de militância transnacionais, que incluíam não apenas correspondências, mas o intercâmbio dos militantes. Eles também se enxergavam dentro de um movimento internacional, recebendo membros de suas famílias políticas, quando migravam, devido ao exílio ou à repressão. Dessa maneira, embora seus esforços pudessem ser enfraquecidos em um local, eles rapidamente revitalizavam suas atividades em outros. Assim, examinar o anarquismo exclusivamente dentro dos limites nacionais enfraquece a compreensão abrangente do movimento. Diversas obras reúnem capítulos que revelam os esforços dessa abordagem, como as de Steven Hirsch e Lucien Van der Walt,¹⁴ David Berry e Constance Bantman,¹⁵ além de Marcel Van der Linden.¹⁶ Este artigo se justifica dentro desse debate, ao explorar as mediações realizadas por militantes anarquistas, a atuação de sua imprensa e o papel de órgãos sindicais e políticos nesse processo.

9 BERTONHA, op. cit., 2023, p. 168-169.

10 Ver: OLIVEIRA, Ângela Meirelles. **Palavras como balas**. Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939). São Paulo: Alameda, 2015.

11 Cf. SILVA, Rodrigo Rosa da. **Imprimindo a resistência**: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945). 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.

12 AZEVEDO, Raquel de. **A resistência anarquista**: uma questão de identidade (1927- 1937). São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial, 2002.

13 TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915. **Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis**, v. 52, p. 407–444, 2007. p. 3. Tradução nossa.

14 HIRSCH, VAN DER WAT, op. cit., 2010.

15 BERRY, David; BANTMAN, Constance (org.). **New perspectives on anarchism, labour and syndicalism**: the individual, the national and the transnational. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

16 VAN DER LINDEN, Marcel. **The Cambridge History of Socialism**. v. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

Imprensa, articulações políticas e conexões

No início da década de 1930, diversos grupos antifascistas buscavam expandir suas atuações para além das redes de imigrantes, que, embora ainda desempenhassem um papel significativo, já não eram o único foco de mobilização. Esse esforço enfrentava desafios consideráveis, sobretudo devido à intensa repressão exercida pelo aparato estatal, após a instauração do Governo Provisório de Getúlio Vargas. Essa repressão atingia duramente os bairros operários e as periferias urbanas, onde movimentos populares buscavam resistir. A esse contexto somava-se a crescente disseminação de discursos e práticas fascistas no país, marcada, entre outros acontecimentos, pela fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1932, que representava uma tentativa organizada de estruturar um movimento fascista nacional.¹⁷

Nesse contexto, os militantes anarquistas buscam se reorganizar, propondo novas estratégias e fortalecendo sua imprensa, que se consolidou como o principal meio de comunicação e organização dessa corrente política no Brasil. O grupo italiano, composto por nomes como Nino Daniele, Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori e outros, manteve suas atividades por meio de periódicos antifascistas, embora de curta duração, como *Il Becco Giallo* (1929), *La Vittoria* (1930) e *Lo Spaghetto* (1931). Entre 1932 e 1933, foi publicado o periódico *I Quaderni della Libertà*, que, apesar de também irregular, publicou uma edição em 1936.

O *I Quaderni della Libertà* era, de fato, estruturado como um caderno, com 31 páginas em cada edição. Contando com colaboradores socialistas e anarquistas — como Alessandro Cerchiai, Nino Daniele, Goffredo Rosini, Ertulio Esposito, entre outros —, o periódico foi inicialmente impresso na Rua José Bonifácio, nº 20, e, posteriormente, na Rua Formosa, nº 8, ambas em São Paulo. Escrito em italiano, esse órgão tentava fazer um “panorama do antifascismo”,¹⁸ principalmente entre os imigrantes italianos em diversas partes do mundo. Eles debatiam o avanço das atividades fascistas, além das ações de resistência dos trabalhadores. Entre as suas conexões transnacionais estavam, por exemplo, o Partido Socialista e o Partido Comunista da Itália, a Lega Italiana Dei Diritti Dell’Uomo, além dos periódicos anarquistas *L’Adunata dei refrattari* (Nova York), *Il Risveglio* (Genebra), *Studi Sociali* (Montevideo), *L’avanguardia Libertaria* (Melbourne) e outros. Eles também expunham suas referências teóricas como Errico Malatesta, mas também do antifascismo mais amplo, como do comunista Antonio Gramsci, e até de episódios importantes para a comunidade italiana, como de “Garibaldi na Revolução Mundial”.¹⁹

Alessandro Cerchiai foi um experiente militante anarquista e um dos principais antifascistas do período. Nascido em Pescia, na região da Toscana, Itália, mudou-se para a França ainda criança, onde se envolveu precocemente em atividades revolucionárias. Detido e posteriormente expulso do país, retornou a Pescia e depois seguiu para Milão. Em 1898, foi preso novamente

17 Ver: GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005, p.184-196.

18 *I Quaderni della Libertà*, São Paulo, p. 27, 25 jan. 1933.

19 *I Quaderni della Libertà*, São Paulo, p. 1, 10 maio 1932.

por sua participação em atividades insurrecionais. Em 1901, Cerchiai chegou ao Brasil, onde, inicialmente, trabalhou como sapateiro na cidade de São Paulo e, posteriormente, como tintureiro ao lado de seu pai, em Ribeirão Preto. Em 1902, de volta a São Paulo, passou a colaborar na criação de diversos periódicos e organizações anarquistas, como *O Germinal*, *O Amigo do Povo* e *La Battaglia* (este último fundado em 1904 com Angelo Bandoni, Oreste Ristori e outros).²⁰ Além de sua atuação em periódicos libertários, participou de veículos como *Il Piccolo*, *O Correio do Povo* e *Fanfulla*. Entre 1911 e 1912, atuou junto a grupos anarquistas e sindicalistas na Argentina. Em 1913, retornou a São Paulo, onde fundou o periódico *La Propaganda Libertaria*. Durante sua trajetória, Cerchiai incentivou práticas de ação direta, como greves, boicotes e atos públicos, além de organizar eventos e palestras com cunho social e educativo. Em 1915, mudou-se para Bauru, onde se tornou mestre na Escola Moderna, uma instituição voltada para operários e pautada por princípios racionalistas e socialistas. No ano seguinte, contribuiu para o movimento operário no Uruguai. No início da década de 1920, Cerchiai respondeu rapidamente à ascensão dos primeiros movimentos fascistas, denunciando-os em diversos periódicos e espaços. Essa atuação o levou a ser continuamente detido e ameaçado de expulsão pelas autoridades.²¹

Outro militante amplamente vigiado no período foi Oreste Ristori. Nascido em San Miniato, na Toscana, em 1874, passou pela Argentina e pelo Uruguai antes de chegar ao Brasil nos primeiros anos do século XX. Em 1904, tornou-se um dos principais editores e redatores do *La Battaglia*, o mais relevante periódico anarquista da comunidade de imigrantes italianos em São Paulo. Atuou em diversas frentes, participando de atos públicos, greves e tentativas insurrecionais, além de se envolver ativamente em iniciativas educacionais, como palestras, centros sociais e escolas libertárias e socialistas. Por sua intensa militância, foi duramente reprimido e preso em várias ocasiões pela força policial. No início da década de 1930, “Ristori, que ainda não rompera pelo menos publicamente com seu passado ácrata, passa a conviver com artistas, intelectuais, e estudantes da esfera de influência do PCB”.²²

Em 1936, o grupo de anarquistas italianos no Brasil lançou um número especial do periódico *Guerra Sociale*. O título já havia sido utilizado anteriormente, durante uma campanha antimilitarista entre 1916 e 1917, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Na nova edição, o periódico antecipava e denunciava um iminente conflito global, condenando as ocupações imperialistas, como a invasão da Etiópia (Abissínia) pela Itália. Além disso, os artigos do *Guerra Sociale* estabeleciam uma ligação entre essas ocupações e o avanço do fascismo, ampliando a crítica ao cenário político internacional da época.²³

Entre os periódicos escritos em português, destaca-se inicialmente *O Trabalho*, lançado em comemoração ao Primeiro de Maio de 1931, por Florentino de Carvalho e Francisco Cianci.

20 Ver: BIONDI, Luigi. *La Battaglia: o jornal, o grupo e as redes étnicas anarquistas (1904-1913)*. In: BIONDI, Luigi; LUCHESE, Terciane; GUIMARÃES, Valéria. **Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 205-247.

21 BERTONHA, op. cit., 2023, p.165-166.

22 ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002. p. 267.

23 **Guerra Sociale**, São Paulo, p.1-5, out. 1935.

Com oito páginas, o periódico foi impresso na rua Irmã Simpliciana, nº 7. Por meio dele, esses redatores libertários buscaram sublinhar estratégias e referências anarquistas, mencionando, por exemplo, “o caráter libertário do movimento de massas”.²⁴ Em termos práticos, o periódico *O Trabalho* evidenciava suas conexões com a FOSP, promovendo eventos como um “grande comício popular”.²⁵

Entre 1932 e 1934, foi publicado, de forma irregular, o periódico *O Trabalhador*, com quatro páginas, editado por Humberto Matos e Francisco Cianci na rua Quintino Bocayuva, nº 80. Vinculado à FOSP e à Liga Operária da Construção Civil, o periódico tinha como objetivo acompanhar “o movimento sindical trabalhista”²⁶ no estado de São Paulo. Ele se opunha ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, defendendo “a *ação direta*”,²⁷ em resposta ao corporativismo e às tendências fascistas. No mesmo endereço, e com diagramação parecida, era publicado, em 1933, o periódico *Grito Operário*, também ligado à Liga Operária da Construção Civil.²⁸ Nesse período também foi lançado *O Trabalhador Vidreiro*, associado ao Sindicato dos Operários de Fábricas em Vidros, da FOSP.²⁹

Os militantes e redatores que gravitavam em torno desses periódicos eram experientes nas ações operárias e libertárias. O anarquista Francisco Cianci, por exemplo, teve uma participação ativa nas ações e articulações da greve geral de 1917, em São Paulo. Após isso, esteve envolvido na reconstrução de espaços sindicais e sociais de caráter libertário, além de colaborar com diversos periódicos.³⁰ Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, por sua vez, era um imigrante espanhol que chegou a São Paulo com sua família aos dez anos de idade. Inicialmente, ingressou na Força Pública do Estado, mas abandonou a carreira militar para se dedicar à militância anarquista. Sua atuação teve início nas docas de Santos, onde trabalhou com os estivadores. No início da segunda década do século XX, Florentino já era um tipógrafo atuante, tendo fundado o jornal santista *A Revolta*. Posteriormente, colaborou com o periódico *Germinal!* e, mais tarde, com *Guerra Sociale* e *A Plebe*. Por meio desses trabalhos, estabeleceu contato com figuras de destaque do movimento operário, como Edgard Leuenroth e Gigi Damiani.³¹

Entre 1933 e 1934, ainda durante o Governo Provisório, emergiu uma onda de debates e protestos em prol de uma nova Constituinte, com a participação de diversas figuras políticas, intelectuais e movimentos sociais. No que diz respeito às esquerdas, Ricardo Figueiredo de Castro aponta que “São Paulo tornou-se o *locus* privilegiado das oposições e da campanha pró-Constituinte”, evidenciando a atuação da Frente Única Antifascista (FUA), do Partido Socialista

24 *O Trabalho*, São Paulo, p. 2, 1 maio 1931.

25 *O Trabalho*, São Paulo, p. 8, 1 maio 1931.

26 *O Trabalhador*, São Paulo, p. 4, 1 jul. 1932.

27 *O Trabalhador*, São Paulo, p. 1, 23 jul. 1933.

28 *O Grito Operário*, São Paulo, p. 1-4, 22 abr. 1933.

29 *O Trabalhador Vidreiro*, São Paulo, p.1-4. 17 jun. 1933.

30 SILVA, Rodrigo Rosa da, op. cit., p. 26. Prontuários Departamento de Ordem Política e Social) - Arquivo do Estado de São Paulo (Deops-SP): Francisco Cianci.

31 Ver: NASCIMENTO, Rogério. **Florentino de Carvalho**: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000, p. 21-32.

Brasileiro (PSB) e da Liga Comunista (LC) como protagonistas na luta “pela convocação da Assembleia Nacional Constituinte”.³² Os anarquistas também participaram ativamente desse debate, aproveitando a efervescência do momento, a fim de fortalecer seus dois principais veículos de comunicação do período, que ganharam maior consistência e regularidade.³³

Um deles era o periódico *A Lanterna*, publicado, nessa fase, entre 1933 e 1935. Ele não era um órgão especificamente anarquista, mas apostava no tema do anticlericalismo, frequentemente unindo socialistas de diferentes matizes e grupos religiosos como maçons e espíritas. *A Lanterna* teve sua primeira edição lançada em março de 1901, na Rua da Quitanda, nº 2, pelo Órgão Anticlerical de São Paulo. Seu principal diretor era Benjamin Mota, advogado, livre-pensador e posteriormente anarquista. O periódico foi descontinuado pela primeira vez em 1904. Na sua segunda fase, entre 1909 e 1916, sob a direção de Edgard Leuenroth, *A Lanterna* passou a ter maior influência anarquista. Com uma tiragem expressiva nos primeiros anos, alcançando 10.000 exemplares, estabelecendo uma ampla rede de contatos que incluía regiões como Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco, Paraná, Bahia e outras partes do país.³⁴ Na terceira fase, entre 1933 e 1935, o periódico *A Lanterna* era editado na Rua Senador Feijó, no bairro da Sé, ainda contendo quatro páginas e tentando sair às quintas-feiras. A estratégia editorial manteve-se semelhante: a união de diferentes vertentes ideológicas e políticas em torno do anticlericalismo. Essa abordagem permitiu que as pautas anarquistas fossem inseridas em espaços mais amplos, contribuindo para a continuidade do movimento anarquista no Brasil.³⁵

Outra importante ferramenta de comunicação para os anarquistas foi o periódico *A Plebe*, publicado, nessa fase, entre 1932 e 1935. Fundado durante as manifestações operárias de 1917, o jornal estava ligado aos anarquistas reunidos em torno da FOSP, embora essa organização, na época, também abrigasse contribuições de diversas vertentes socialistas e sindicalistas.

Contando com dezenas de participações, o periódico *A Plebe* também foi um importante espaço de discussão do anarquismo, contando com a participação de figuras como Benjamin Mota, Isabel Cerutti, Astrojildo Pereira, Florentino de Carvalho, João Penteado, Andrade Cadete, Maria Valeska, Gigi Damiani, Neno Vasco e outros. Em sua primeira fase, sob a direção de Edgard Leuenroth, o periódico era publicado aos sábados, geralmente com quatro páginas, ampliadas em edições especiais. Sua distribuição alcançou várias regiões do Brasil e até países como Argentina e Portugal. Em 1932, *A Plebe* foi reativada sob a direção de Rodolpho Felipe, inicialmente localizado no Parque Dom Pedro II, nº 103, no bairro da Sé, e, posteriormente, na Avenida Rangel Pestana, nº 251, no Brás, saindo aos sábados, ainda contendo quatro páginas. Essa reativação ocorreu no contexto do renascimento da FOSP, mas enfrentou muitas

32 CASTRO, Ricardo Figueiredo. As esquerdas e o processo brasileiro de 1933-1934: projeção e ação política. *História Social*, Campinas, n. 2, p. 55-88, 1995. p. 60.

33 RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: anarquismo e antifascismo nos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* (1932-1935). *Tempos Históricos*, v. 21, p. 74-106, 2017.

34 SILVA, Rodrigo Rosa da, op. cit., p. 51-57.

35 Idem.

dificuldades, incluindo vigilância constante e repressão contra seus espaços físicos, redatores e editores.³⁶

Um redator e militante de destaque nesses periódicos foi Edgard Leuenroth. Nascido em Mogi Mirim, em 1881, era filho de um imigrante germanófono e uma brasileira. Após a morte do pai, sua família mudou-se para o bairro do Brás, na capital de São Paulo, onde enfrentou dificuldades financeiras. Foi nesse ambiente que Leuenroth conheceu os meandros dos bairros operários e suas atividades políticas, entrando em contato com as ideias socialistas e anarquistas, por meio do Círculo Socialista e de suas atividades como tipógrafo. Ele se tornou um dos principais articuladores da FOSP e, posteriormente, da Confederação Operária Brasileira (COB). Sua atuação foi marcante na imprensa operária e libertária, fundando e participando de diversas entidades vinculadas ao setor, como o Centro Tipográfico de São Paulo, a União dos Trabalhadores Gráficos, a Associação Paulista de Imprensa e a Federação Nacional da Imprensa.³⁷

Leuenroth esteve ativo em uma série de publicações, incluindo *O Alfa*, *A Terra Livre*, *A Lucta Proletária*, *A Guerra Social*, *O Povo* e *A Capital*, entre outras. Ele foi detido em diversas ocasiões, incluindo sua prisão durante a greve geral de 1917, acusado de envolvimento por meio de sua participação no Comitê de Defesa Proletário. Mesmo enfrentando repressão, Edgard Leuenroth manteve suas atividades anarquistas e sindicalistas nas décadas de 1930 e 1940, permanecendo ativo até a década de 1960, deixando um legado importante para os movimentos sociais e libertários no Brasil.³⁸

Os trabalhadores alemães antifascistas também tinham uma publicação, o periódico *Aktion*, impresso entre 1933 e 1937 em Porto Alegre, que contava com quatro páginas. Seu principal articulador era o militante anarquista e imigrante alemão Friedrich Kniestedt, membro da Federação Operária do Rio Grande do Sul (Forgs). Kniestedt nasceu na Alemanha, no final do século XIX, e, frustrado com sua experiência social-democrata, emigrou para o Brasil em 1909, onde, primeiramente, tentou se estabelecer em uma colônia comunal de imigrantes no Paraná. Depois, trabalhou em lavouras próprias e para terceiros, em São Paulo. No início da segunda década do século XX, o militante alemão volta para seu país de origem, mas retorna ao Brasil no período de eclosão da Primeira Guerra Mundial. Nos trópicos novamente, frustrado com a social-democracia alemã, encontra militantes e ativistas anarquistas e sindicalistas revolucionários em Porto Alegre.³⁹

A proximidade com seus conterrâneos na Alemanha e os debates sobre o surgimento do nazismo motivaram esse grupo a se envolver profundamente com o antifascismo. Inicialmente, o periódico *Aktion* reuniu democratas, anarquistas e comunistas, seguindo a

36 Ibidem, p. 57-62.

37 Prontuários Deops-SP - Arquivo do Estado de São Paulo: 122 – Edgard Leuenroth (2 volumes).

38 NOBRE, Freitas. **A organização dos jornalistas brasileiros - 1908-1951**. São Paulo: Com Arte, 1987. p. 110-120.

39 DELWING, Lucas Becker. **“Começou combatendo o Kayser e acabou combatendo Hitler”**: a trajetória de Friedrich Kniestedt e os trabalhadores falantes de alemão em Porto Alegre (1917-1947). 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022, p. 111-125.

Liga für Menschenrechte – Ortsgruppe. Contudo, a Liga enfrentou dificuldades em estabelecer vínculos com militantes na Alemanha, resultando, ao final, na predominância dos anarquistas, que retomaram uma militância sindical.

Outra atividade de Kniestedt, ao lado da militante Elisa Augusta Hedwig, foi a construção da Livraria Internacional, localizada na Rua Voluntários da Pátria, nº 1201, em 1925, e posteriormente, no nº 1195 da mesma rua, a partir de 1927. A Livraria Internacional foi mais do que um espaço de comércio de leitura; tornou-se um importante ponto de encontro para debates, organizações, conferências e festas.⁴⁰

Acompanhando os periódicos antifascistas e libertários no período, além das fichas policiais de militantes detidos pelo Deops-SP, é possível mapear alguns espaços de resistência anarquista, nesse período, entre 1927 e 1937. No plano internacional, pode-se citar a Associação Continental Americana dos Trabalhadores (ACAT), fundada em 1929, que buscou organizar anarquistas e sindicalistas revolucionários de vários países da América Latina, como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Entre outras organizações citadas pelos militantes libertários, pode-se mencionar a Associação Internacional dos Trabalhadores (IWA-AIT) fundada em 1922, na Alemanha, o Grupo dos Anarquistas-Esperantistas da Goteborg, da Suécia, a Confederação Nacional do Trabalho (CNT), na Espanha, e a Federação Operária Regional Argentina (FORA).⁴¹

No âmbito nacional, a construção sindical contou com a FOSP, a Federação dos Núcleos Proletários Anti-Políticos de Porto Alegre, a Federação Operária do Paraná (FOP), o Sindicato Único dos Alfaiates de Uruguaiana e a União Geral da Construção Civil de Recife, além de diversas ligas e outros organismos formados por categorias profissionais. Dentro desses espaços sindicais, grupos especificamente anarquistas, como o Grupo Livre de Ação Social (Pernambuco), o Grupo Libertário Sacco e Vanzetti (Piauí), a Juventude Anarquista (Santos-SP), o Grupo de Propaganda Social (Recife-Pernambuco) e o Comitê de Relações dos Grupos Anarquistas de São Paulo buscavam promover e disseminar princípios libertários, exercendo influência tanto nesses meios quanto em outras iniciativas.⁴²

Além disso, os anarquistas também se engajavam na criação de organismos voltados a campanhas específicas, frequentemente em colaboração com outros grupos. Exemplos notáveis incluem o Comitê Pró-Presos Sociais, voltado à defesa de presos políticos, o Comitê Anti-Guerreiro, de caráter antimilitarista, e a Liga Pró-Direitos do Homem, voltada à promoção de direitos humanos.

Outros espaços sociais e antifascistas mais amplos também tinham a presença libertária, mesmo com críticas e ressalvas. Durante construção da FUA, em São Paulo, no Salão dos Gráficos da sede da União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), a LC e o PSB, a partir do

40 BARTZ, Frederico Duarte. Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937). *Revista Cantareira*, v. 34, p. 353-365, 2021. p. 357.

41 Ver: BRODIE, Morris. *Transatlantic Anarchism during the Spanish Civil War and Revolution, 1936–1939*. Fury Over Spain. New York/London: Routledge, 2020.

42 Cf. AZEVEDO, op. cit., p. 905-100.

periódico *O Homem Livre*, noticiaram a presença do Grêmio Universitário Socialista, do Grupo Itália Libera, da UTG, da Legião Cívica 5 de Julho, da Liga Comunista Internacionalista, do Partido Socialista Italiano, da Bandeira dos 18, do Grupo Socialista Giacomo Matteotti, do jornal *A Rua*, da revista *O Socialismo*, assim como os órgãos construídos por anarquistas; a FOSP e seus periódicos, *A Lanterna* e *A Plebe*.⁴³

Uma organização que os militantes anarquistas acompanharam de perto, mesmo continuando suas críticas ao caráter eleitoral ou centralista, foi a Aliança Nacional Libertadora (ALN), nova aglutinação antifascista proposta e instituída oficialmente em 30 de março de 1935, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. Em 29 de junho de 1935, no salão da Federação Espanhola, anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho e Gusmão Soler, propuseram uma conferência com a presença de aliancistas para deixarem suas posições ao organismo, as mesmas depois acordadas oficialmente pela FOSP. Para eles,

[...] enquanto os aliancistas estiverem na oposição, no combate ao fascismo, ao latifúndio e à tirania governamental [...] não endeusando pessoas, mas batendo-se por ideias, discutindo e lutando ao redor de princípios, encontrar-se-iam lado a lado, anarquistas e aliancistas.⁴⁴

Em 1935, após a tentativa revolucionária da Insurreição Nacional Libertadora, houve uma escalada da repressão, principalmente a partir da Lei de Segurança Nacional (LSN) que instalou o Estado de exceção. O Estado Novo também marcou o início de um novo ciclo para as esquerdas, de intensa repressão político-policial, com a transformação das Deops em Departamento da Ordem Política e Social (DOPS), e com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, o que dificultou a divulgação de suas campanhas e debates na imprensa operária e reivindicativa.

Entre 1939 e 1945, diversos indícios mostram que os anarquistas não interromperam completamente suas atividades. Visando conservar aspectos ideológicos e debater estratégias, os anarquistas ativos ainda fundaram a “Nossa Chácara”, no interior de São Paulo. Ainda assim, a principal estratégia dos libertários foi promover e distribuir em locais públicos a imprensa libertária e antifascista internacional, que seguia publicada e ativa em outros países. Rodrigo Rosa da Silva analisando os documentos do Deops-SP acompanha o caso do militante Benedito Romano, apreendido com “exemplares dos jornais *El Obrero Gráfico* (Argentina), *La Protesta* (Argentina), *Cultura Proletária* (Nova York, em espanhol) e *L’Adunata dei Refrattari* (Nova York, em italiano)”. O militante, interrogado pela polícia, ainda afirmou que distribuiu “os jornais entre os amigos mais próximos que se encontram sempre no Café São Paulo, na Praça da Sé ou no Café Acadêmico, na Rua Direita.”⁴⁵

No mesmo período, Francisco Cianci também foi detido por distribuir o periódico *L’Adunata dei Refrattari* e por possuir inúmeros outros periódicos e materiais antifascistas, anarquistas e

43 ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**: uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014. p. 36-41.

44 **A Lanterna**, São Paulo, p. 2, 13 jul. 1935.

45 SILVA, Rodrigo Rosa da, op. cit., p. 76.

anticlericais em sua residência. Para a polícia de São Paulo, o militante era o “perigoso anarquista” Francisco Cianci, líder da FOSP, que “constantemente” costumava “fazer propaganda contra o regime burguês capitalista e contra o governo do Armando Salles, taxando-o de fascista!”.⁴⁶

Os militantes no país também continuavam a apoiar organismos de suas redes em outros países. Em 1939, o jornal *A Liberdade*, contando com exilados portugueses na França, e impulsionando os anarquistas e antifascistas no processo revolucionário espanhol, afirmou o recebimento de donativos do Brasil.⁴⁷ Já em 1937, o periódico *Mujeres Libres*, na Espanha, anunciou o falecimento de Maria Lacerda de Moura, tornando “público seu protesto indignado diante deste novo atropelo do fascismo internacional”.⁴⁸

Nesse período, houve também a trajetória de imigrantes e exilados políticos, como o português Roberto das Neves. Militante e jornalista ativo, colaborador de periódicos como *A Comuna* e *A Batalha*, foi um ferrenho opositor ao governo de Antônio de Oliveira Salazar. Entre 1926 e 1931, foi preso diversas vezes por sua atuação política. Roberto das Neves transitou entre a França e a Espanha, envolvendo-se com diversas organizações. Durante o processo revolucionário na Espanha, participou ativamente de diversas iniciativas, incluindo a organização de um navio para transportar centenas de refugiados da Guerra Civil Espanhola ao México. Com o agravamento da repressão e o avanço do processo contrarrevolucionário, Roberto das Neves seguiu para a França e, posteriormente, para o Brasil. Em 1945, foi um dos organizadores e militantes do Comitê Português Antifascista e do Grupo de Ação Libertária, além de ser um dos principais incentivadores da Editora Germinal, consolidando sua contribuição às lutas antifascistas e anarquistas.⁴⁹

Dessa maneira, apesar de severamente enfraquecidos, havia diversas ações libertárias cruciais para manter a continuidade das propostas e práticas anarquistas. Com a abertura política, em 1945, os periódicos anarquistas ressurgiram rapidamente, incluindo *O Trabalhador Graphico* (1945), a reativação de *A Plebe* (1947), em São Paulo, *Remodelações* (1945) e *Ação Direta* (1946), no Rio de Janeiro, além de novas organizações.⁵⁰

A propaganda antifascista libertária

UMA DAS PRINCIPAIS estratégias de propaganda utilizada pela imprensa anarquista, assim como pelo movimento antifascista em geral, consistia em debater as origens das expressões fascistas no cenário mundial. Os militantes anarquistas dedicavam-se a analisar a confluência

46 Prontuário Deops-SP nº 625 – Francisco Cianci. Citado em SILVA, Rodrigo Rosa da, op. cit., p. 54

47 *A Liberdade* citado em CLÍMACO, Cristina. A imprensa portuguesa no exílio europeu no entre-guerras (1927-1939). **Coleção: Livros ICNOVA**, 2021. p. 76.

48 **Mujeres Libres**. Citado em MODESTINO, Eloisa Torrão; BARTALINI, Marina Mayumi. Uma lutadora apaixonada pela justiça e pela liberdade. In: MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. São Paulo: Tenda dos Livros, 2018. p. 30.

49 Ver: BRAGA, Francisco Victor Pereira. Roberto das Neves: anarquismo, antifascismo e exílio na trajetória de um cidadão do mundo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 7, n. 19, 2018.

50 Cf. SILVA, Rafael Viana da. **Elementos inflamáveis**: organizações e militância anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964). São Paulo: Editora Faisca, 2023.

entre as dominações econômica, política e religiosa, atribuindo, conforme o periódico ou grupo em questão, maior ênfase a uma dessas esferas em detrimento das outras. Na maioria das análises, o fascismo era interpretado como uma reação das burguesias de diferentes países que, para “manter a ordem”, recorriam a medidas destinadas a suprimir “todas as tendências de progresso e melhorias sociais despertadas pelas massas trabalhadoras”,⁵¹ como ressaltou o periódico *A Plebe*. Assim, “o fascismo traz ao mundo capitalista uma solução para a sua crise orgânica [...] economicamente uma série de fórmulas; politicamente, um autoritarismo máximo”.⁵²

Além disso, os militantes libertários ressaltavam a dominação religiosa, especialmente a exercida pela Igreja Católica, descrita como tendo na “consciência do homem” o seu principal “campo de ação”.⁵³ Nesse contexto, eram frequentemente criticadas as ações jesuíticas, que, segundo os anarquistas, consolidavam a dominação clerical, enquanto estagnavam e reprimiam “a liberdade de pensamento, que é a emancipação do espírito”.⁵⁴ No entanto, diversos anarquistas também alertavam que as instituições clericais não eram completamente autônomas, destacando o papel central da dominação econômica. Para eles, “a Igreja afirma e propagava entre as massas populares os princípios que mais convêm ao capitalismo”,⁵⁵ como apontado nos debates internos do periódico *A Lanterna*. Nesse sentido, consideravam que a guerra era “a afirmação da miséria moral e da falência econômica-política do regime burguês”.⁵⁶

A maioria dos anarquistas da época procurava ressaltar, de forma transversal ou como fator decisivo, a dominação estatal, assim como o militarismo e os patriotismos exacerbados pela crise do liberalismo daquele período, como elementos essenciais para a consolidação das expressões fascistas. Essa abordagem também servia para interpretar os conflitos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Para eles, “essa febre do nacionalismo” que estava “convulsionando os Estados de todos os países”, levava “fatalmente ao delírio da guerra”, como estava “acontecendo na Itália e na Alemanha”, onde “a exploração do patriotismo se tornava obrigatória”,⁵⁷ conforme apontado em *A Plebe*. O jornal *Guerra Sociale*, por sua vez, acompanhava de perto, em 1935, a guerra da Itália sob o regime de Mussolini contra a Etiópia. Os redatores alertavam que o conflito e a ocupação trariam prejuízos não apenas ao povo etíope, mas também à classe trabalhadora italiana e mundial. Reafirmando sua posição, declaravam: “Nós, antifascistas, devemos nos opor com toda a nossa força à preparação para a guerra.”⁵⁸

Nesse período, a imprensa libertária também divulgava textos sobre o papel das esquerdas nesse processo e suas crises em não conter o capitalismo, como também um elemento para o crescimento do fascismo. Analisando a ascensão do nazismo na Alemanha, o periódico *A Plebe*, em 1933, defendia que “os partidos da esquerda mostraram uma incapacidade, uma

51 *A Plebe*, São Paulo, p. 3, 10 jun. 1933.

52 *A Plebe*, São Paulo, p. 2, 30 dez. 1933.

53 *A Lanterna*, São Paulo, p. 1, 3 ago. 1933.

54 *A Lanterna*, São Paulo, p. 2, 2 jul. 1933.

55 *A Lanterna*, São Paulo, p. 1, 23 nov. 1933.

56 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 10 jun. 1933.

57 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 14 set. 1935.

58 *Guerra Sociale*, São Paulo, p. 1, out. 1935.

impotência, uma insipiência assombrosa. Construíram uma constituição democrática no papel, que aqui é inútil discutir, mas conservam o capitalismo”.⁵⁹

Ainda assim, entre os libertários, a principal propaganda que prevalecia sobre as origens do fascismo associava tal corrente política a um reacionarismo conservador e retrógrado. Para enfrentar os ideais conservadores promovidos pelo fascismo, os anarquistas defendiam as lutas sociais contra o capitalismo como uma forma de progresso, enquanto viam o fascismo como uma reação opressora e regressiva a essas transformações sociais. Eles defendiam que “enquanto o pensamento humano avança para a liberdade, as forças reacionárias do passado formam nova algemas”.⁶⁰ Dessa forma, “fascismo, nazismo, integralismo, três palavras e uma só essência: a violência organizada e endeusada, a truculência sistematizada, a brutalidade inimiga do progresso, da civilização, da ciência”.⁶¹

Para contrapor o fascismo, os libertários continuavam suas defesas políticas e ideológicas, evidenciando o anarquismo como uma corrente socialista capaz de deter as expressões autoritárias que afligiam a classe trabalhadora. No início da década de 1930, o periódico *O Trabalho* justificava que

o anarquismo, concepção sociológica que pretende estabelecer uma sociedade baseada na liberdade integral e na igualdade econômica é, portanto, uma doutrina aclimatável em todos os países porque representa uma aspiração comum a todos os oprimidos [...].⁶²

Não obstante, os anarquistas buscavam ir além da mera propaganda ideológica, empenhando-se em construir e fortalecer espaços e campanhas de maior alcance. Esses esforços se davam tanto na base, junto aos bairros operários, quanto em articulações estratégicas com outras correntes revolucionárias ou socialistas. Um dos principais objetivos era a revitalização do projeto do sindicalismo revolucionário: uma organização voltada à luta econômica, sem declarações políticas explícitas, que pudesse unir trabalhadores de diferentes ofícios, culturas e orientações ideológicas. Nesse ponto, o periódico *O Grito Operário* declarava, em 1933:

[...] Até o momento presente, não sabemos de método algum que mais eficiente seja na luta contra o capitalismo, do que o Sindicalismo Revolucionário, daí a necessidade de que todos os produtores sejam sindicalizados no seio das organizações que se orientam por esses princípios e consequentemente repelem a interferência de todas as correntes políticas, ainda mesmo que se intitulam socialistas ou bolchevistas.⁶³

Além da resistência de sindicatos autônomos ao reconhecimento do Estado no período, como a FOSP e a Federação dos Núcleos Proletários Anti-Políticos de Porto Alegre, os anarquistas também tentavam mobilizar a base dos trabalhadores dentro dos sindicatos legalizados. Em abril de 1934, o periódico *A Plebe* noticiou uma greve e ampla mobilização de “22.000 operários

59 *A Plebe*, São Paulo, p. 2, 10 jun. 1933.

60 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 9 jun. 1934.

61 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 12 ago. 1933.

62 *O Trabalho*, São Paulo, p. 7, 1 maio 1931.

63 *O Grito Operário*, São Paulo, p. 4, 22 abr. 1933.

da Estrada de Ferro Leopoldina [...] contra a vontade reacionária do Ministério do Trabalho”.⁶⁴ Noticiando uma greve de várias categorias na cidade de Santos, no mesmo ano, o periódico também noticiava que “esgotadas as vias sucessórias e legais, esgotada a paciência proletária, os operários concentram-se, combinam medidas de defesa”. A ideia era de que, por meio de greves, assembleias de base e outros métodos sindicalistas podiam reconstruir um sindicalismo combativo novamente com “os operários, conscientes dos seus direitos, coesos, unidos num só bloco”.⁶⁵

Em relação à associação com as esquerdas, os anarquistas defendiam a necessidade de formar frentes antifascistas, mas faziam questão de destacar suas críticas às estratégias eleitorais e ao centralismo político, como aquele praticado pela União Soviética (U.R.S.S.). Militantes anarquistas como Oreste Ristori, Edgard Leuenroth e José Oiticica, entre outros, eram frequentemente vistos em diversos ambientes dominados por outras tendências ideológicas, como evidenciam os relatos de agentes infiltrados da polícia:

Com regular assistência, realizou-se a manifestação antifascista e antiguerreira promovida pelo Comitê Estudantil Anti-guerreiro de São Paulo. Presidida por NOÉ GERTEL, desenvolveu-se num ambiente claramente estalinista, até a intervenção de ARISTIDES LOBO. Os oradores foram: NOÉ GERTEL, que desenvolveu longa oração com a base estalinista pura e simples [...]. FRANCISCO FROLA, que num português mal pronunciado agitou bastante a reunião manifestando-se socialista avançado. ORESTE RISTORI, que em longa oração desenvolveu uma agitação formidável, arrancando grandes aplausos da assistência; um representante da Juventude Comunista atacou fortemente a polícia e trotskistas, intervindo ARISTIDES LOBO, sendo que nesse momento os estalinistas promoveram grande algazarra, taxando Aristides de policial e outros termos que desagradavam a assistência. EDGARD LEUENROTH intervindo, conseguiu acalmar os ânimos que estavam bastante agitados pois até trocas de bofetadas se verificaram.⁶⁶

Outro caso era a notícia dos ataques violentos de integralistas contra reuniões e associações de orientação política progressista ou combativa. O periódico *A Lanterna*, em 1933, denunciava que os integralistas de Belo Horizonte procuravam “desunir os grevistas, apoiados decididamente na Federação do Trabalho de Minas”.⁶⁷ Por vezes, integralistas violentavam espaços e militantes de esquerda ou sindicais, o que resultava na reunião de anarquistas, socialistas, comunistas, antifascistas e sindicalistas revolucionários, que tentavam impedir comícios integralistas, muitas vezes marcados por confrontos, como na Praça da Sé, em 1934, conhecida como a “Revoada dos Galinhas Verdes”.⁶⁸

Uma campanha importante dos antifascistas libertários no período foi a defesa de minorias étnicas ameaçadas pelas correntes fascistas. Na edição de 13 de maio de 1933, o jornal *A Plebe* noticiava que a pensadora e ativista anarquista Maria Lacerda de Moura havia enviado uma carta

64 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 14 abr. 1934.

65 *A Plebe*, São Paulo, p. 1, 15 set. 1934.

66 Prontuário do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Citado por ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: uma aventura anarquista**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002. p. 268.

67 *A Lanterna*, São Paulo, p. 2, 16 dez. 1933.

68 Ver ABRAMO, op. cit., p. 71-75.

de apoio ao Comitê Israelita do Rio de Janeiro, no qual afirmava uma “profunda repugnância pelos processos ignóbeis do fascismo alemão perseguindo estupidamente os israelitas”.⁶⁹ Em outra ocasião, o periódico *A Plebe*, em 1933, lançou uma campanha para apoiar a Associação Beneficente Legião Negra, visando o auxílio para pessoas que haviam participado dos combates constitucionistas em São Paulo.⁷⁰

Essa solidariedade transcendeu o nível nacional, alcançando o âmbito internacional. Tanto durante o período de circulação dos periódicos anarquistas (até 1937) quanto posteriormente, durante o Estado Novo, as campanhas internacionalistas e os esforços para manter redes transnacionais foram objetivos fundamentais para os anarquistas. Em 17 de agosto de 1935, o periódico *A Plebe* manifestou apoio a Simón Radowitzky, militante de origem judaica, nascido em 1891, na Ucrânia, e preso após a repressão brutal da Semana Vermelha em Buenos Aires. Outro exemplo marcante foi a realização de escritos, encontros e atos em memória de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, dois militantes anarquistas julgados e executados nos Estados Unidos, em 1927, sob a acusação injusta de assassinato de um contador e um guarda de uma fábrica de sapatos. Em 1933, o periódico *A Plebe* tentava mobilizar seus leitores através dos mártires afirmando que “Sacco e Vanzetti continuam a viver em nossas recordações porque os ideais por eles sustentados continuam a agitar o mundo e acalentar as nossas esperanças revolucionárias”.⁷¹

Nesse viés, as notícias e comentários sobre o processo revolucionário na Espanha tornaram-se a principal campanha de mobilização dos antifascistas libertários. Por se tratar de um evento que, em algumas regiões, contava com a destacada presença de militantes e organizações anarquistas, além de simbolizar a união antifascista, os redatores anarquistas faziam questão de divulgar que a “bandeira vermelho-preta flamejará em todas as fábricas e lugares de trabalho como manifestação da vontade firme e proletária revolucionária de tomar nas mãos diretamente as rédeas do próprio destino”.⁷²

Muitos desses temas continuaram a circular, mesmo após a supressão da imprensa libertária e socialista no país. Os periódicos de outros países, distribuídos por militantes, mantinham vivos os princípios e campanhas, embora não pudessem impulsionar diretamente a mobilização e a construção de organizações locais. Apesar desse dano irreversível, os anarquistas continuaram a divulgar os ideais de autogestão, solidariedade internacional e antifascismo, por meio de publicações como *El Obrero Gráfico* (Argentina), *La Protesta* (Argentina), *Cultura Proletária* (Nova York, em espanhol) e *L'Adunata dei Refrattari* (Nova York, em italiano), entre outras.

Essa troca de informações era um processo de mão dupla. Anarquistas e antifascistas em outros países também divulgavam notícias sobre o movimento operário no Brasil, incluindo

69 *A Plebe*, São Paulo, p. 2, 13 maio 1933.

70 *A Plebe*, São Paulo, p. 2, 5 ago. 1933.

71 *A Plebe*, São Paulo, p. 4, 26 ago. 1933.

72 *A Plebe*, São Paulo, p. 4, 31 mar. 1934.

as atividades dos militantes anarquistas. Em 1938, o periódico *La Protesta*, de Buenos Aires, noticiou o falecimento do anarquista Fábio Luz, enfatizando que, ao lado de figuras como “Bertoni, Grave, Rocker, Nettlau, Faure e outros,” ele foi um dos “velhos baluartes”⁷³ do anarquismo.

Considerações finais

INVESTIGANDO AS REDES da imprensa, dos militantes e dos espaços antifascistas libertários no Brasil, em conexão com outras partes do mundo, é possível observar a continuidade de diversas estratégias e táticas anarquistas no país, as quais impactavam o movimento operário, ao mesmo tempo em que surgiam novas propostas, formas de propaganda e performances.

A imprensa, assim como nas primeiras décadas do século XX, continuava sendo um importante canal de comunicação entre os militantes libertários e outros segmentos, fosse das esquerdas ou da população em geral. Além disso, desempenhava um papel fundamental na organização de ideias, propostas e teorias, mantendo os anarquistas conectados tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Embora severamente impactados pela nova conjuntura, os esforços para construir espaços sociais e sindicatos revolucionários e autônomos permaneceram como parte essencial das campanhas anarquistas. No entanto, outras estratégias também foram incorporadas em resposta à ascensão dos fascismos e dos nacional-estatismos. Entre elas, destacavam-se a divulgação de notícias sobre greves e manifestações de base que buscavam romper com o corporativismo, além de associações pontuais antifascistas e anticlericais promovidas por meio de comícios, atos e campanhas. A análise sobre o surgimento das diversas expressões fascistas, assim como sua conexão com as críticas anarquistas a sistemas de dominação como o capitalismo, o militarismo, a influência religiosa e os conflitos mundiais, também constituíram um ponto central da propaganda antifascista libertária nesse período.

A insistência na construção de organismos e campanhas internacionalistas permaneceu como um alicerce central do anarquismo e do antifascismo libertário. Por meio da divulgação de notícias internacionais que buscavam mobilizar leitores e da criação efetiva de redes e organismos transnacionais, o anarquismo conseguiu sustentar um projeto internacionalista, mesmo em um período marcado pela repressão e pela supressão da imprensa.

Nesse contexto, analisar o anarquismo e sua imprensa no Brasil sob uma ótica transnacional revelou-se uma abordagem eficaz para compreender as rupturas e continuidades dessa corrente política.

Recebido em: 21/01/2025

Aprovado em: 29/05/2025

73 *La Protesta*, Buenos Aires, p. 4, jun. 1934. Tradução nossa.